



***POÉTICA*, DE ANA CRISTINA CÉSAR CÉSAR, ANA CRISTINA. *POÉTICA*. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2013.**

Rafael Fava Belúzio*

* favabeluzio@yahoo.com.br
Mestre em Estudos Literários (UFMG).

Após o sucesso de vendagem de *Toda poesia*, de Paulo Leminski, publicado, em 2013, pela Companhia das Letras, chegou às livrarias *Poética*, de Ana Cristina César (nascida em 1952, falecida em 1983), também publicado pela Companhia das Letras, bem como no de 2013. A obra contou com a curadoria de Armando Freitas Filho. A edição – que reúne os livros de poemas e prosas líricas de Ana Cristina César – apresenta, ainda, uma espécie de fortuna crítica com certa pluralidade de nomes. São, ao mesmo tempo, acadêmicos, poetas e pessoas muito próximas da autora: algo entre o público e o privado. Os textos procuram revelar a redução estrutural da poética de *Poética*. Nesse sentido é, particularmente, significativa a fala de Clara de Andrade Alvim:

Acho que era essa relação engraçada de esconde-esconde com o leitor – a desfaçatez de o enganar (para que o bom leitor aprenda a se desenganar) e que encobre a descoberta de uma lei organizadora como a que Roberto Schwarz encontrou em Machado de Assis – o parentesco que a deixava fascinada com o autor de Quincas Borba¹.

Clara Alvim está procurando a lei organizadora da escrita de Ana Cristina César, mais ou menos seguindo a perspectiva teórica, de fundo formal-estruturalista, de Roberto Schwarz. A mesma busca pode ser, em certa medida, observada em outros textos do conjunto de escritos críticos de *Poética*. Por exemplo, Armando Freitas Filho, na “apresentação”, afirma:

* Peça teatral encenada pela atriz Denise Stoklos, na Universidade Estadual do Centro Oeste/UNICENTRO em 09 de outubro de 2013

1. ALVIM. os dias ficam, p. 474.

2. FREITAS FILHO. apresentação, p. 9.
3. FREITAS FILHO. apresentação, p. 10.
4. BOSI. posfácio, p. 428.
5. BOSI. posfácio, p. 428.
6. BOSI. “osfácio, p. 428.
7. HOLLANDA. ana cristina César: cristais, heavy metal e tafetá, p. 450.
8. HOLLANDA. ana cristina César: cristais, heavy metal e tafetá, p. 450.
9. ABREU. a teus pés, p. 446.

“Essa junção de pudor e provocação era uma das marcas de seu estilo”² e “A construção de uma trança muito bem-feita com fios de conversa verdadeira e linhas de prosa/poesia inventadas”³. Viviana Bosi, por sua vez, ressalta a “Alternância entre imersão reflexiva e aparente digressão, apostando mais na sublevação das certezas do que na afinação com projetos coletivos de qualquer ordem”⁴, bem como a presença de “poemas telegráficos e elípticos, sobrepostos como panos de diversos feitios e alinhavados em camadas”⁵. Em frase-síntese, um “Limiar paradoxal de literatura-diário”⁶. Frase-síntese parecida foi escrita por Heloísa Buarque de Hollanda: “Sem solução de continuidade, diário, correspondência e poesia fundem-se na vida e na obra de Ana C.”⁷. A organizadora de *26 poetas hoje* – possivelmente o primeiro projeto editorial que canonizou os poetas marginais – também produziu uma frase que, na esteira de Clara Alvim, e, por extensão, de Roberto Schwarz, procura a estrutura profunda de *Poética*: “Um texto cuja chave é um narrador calando comentários. Segredos e temores”⁸.

Esse gosto pelos diários e cartas, como também pela revelação da intimidade e pela mistura de ficção e confissão, é uma das tônicas de Ana Cristina César, sendo ressaltado ainda por outros componentes da fortuna crítica do livro. Caio Fernando Abreu indica que “não há diferença entre poesia e prosa, entre dramático e irônico, culto e emocional, cerebral e sensível”⁹. Reinaldo Moraes, por seu turno, chama

essa propriedade de “frestas da intimidade”¹⁰. No entanto, sobre essas frestas vale a lembrança de Silviano Santiago: “Os sintomas e os dados biográficos existem, mas – quando em travessia pela linguagem poética – são os de todo e de qualquer”¹¹. Por fim, Joana de Matos Frias aponta a “dramatização da subjetividade em sua [de Ana C.] obra, de que o eco pessoano ‘Quisera/ dividir o corpo em heterônimos’ constitui sem dúvida o exemplo mais emblemático”¹² e nota ainda que essa via subjetivista está sob o signo da melancolia, pois Ana Cristina César era “Marginal entre os marginais, como o solitário Saturno afastado dos outros planetas”¹³, “sol negro da melancolia moderna, lua azul celestial azul envergando blue jeans”¹⁴.

Como se pode notar, a organização da fortuna crítica do livro aponta para uma espécie de poética de *Poética*. Esse ponto central da escrita de Ana Cristina César, além disso, é apontado pela própria escritora ao longo de seus livros.

O primeiro deles, *Cenas de abril*, foi publicado em 1979. O seu título consegue apresentar duas dimensões importantes da obra: o gosto pelas cenas, fragmentos, e pelo temporal, datado. Seria um ótimo título para livro de crônicas. É um ótimo título para uma obra na qual o diário íntimo se mistura com o poema curto, a prosa de cronista se mistura com a poesia lírica, concentração com difusão. Ou como diz o próprio sujeito-lírico de Ana C: “A portadora deste sabe onde me encontro até de olhos fechados; falo pouco; encontre;

10. MORAES. deslumbramentos com a poesia de ana cristina, p. 448.

11. SANTIAGO. singular e anônimo, p. 462.

12. FRIAS. um verso que tivesse um blue, p. 487.

13. FRIAS. um verso que tivesse um blue, p. 486.

14. FRIAS. um verso que tivesse um blue, p. 490.

esquina de Concentração com Difusão, lado esquerdo de quem vem, jornal na mão, discreta”¹⁵.

O livro seguinte, *Correspondência completa*, também de 1979, já avisa logo de entrada: “Notícias imprecisas, fique sabendo”¹⁶. São apenas três páginas de texto – o que demonstra, possivelmente, mais a imprecisão mencionada do que a completude dita no título. A obra, por sinal, é ávida por hiatos, entre-lugares, dialéticas. Entre o completo e o impreciso, Gil e Mary, ficção confessa e confissão ficcionalizada, a chuva lá fora e o pensamento aqui dentro, Júlia e “my dear”, carta lírica e poesia em prosa, singularidade e anonimato, palavra e silêncio. Em algum impreciso lugar, o sujeito-lírico sabe de si: “Há sempre uma sombra em meu sorriso (...). A melancólica sou eu”¹⁷. Ainda nessa saturnina criação, lembro que a primeira edição do livro saiu indicando ser a segunda. Talvez os originais fossem, eles mesmos, a primeira e jamais encontrada em livrarias, ou seria a obra reedição do vazio?

No ano seguinte, 1980, na Inglaterra, saiu o terceiro livro de Ana Cristina César: *Luvras de pelica*. O título mais uma vez é bastante significativo: feminino, parece recusar a poesia cabralina do menos: não é o cão sem plumas, a faca só lâmina, são as luvas de pelica. Vestindo as luvas, alguém que mistura o vivido e o inventado: “O manequim de dentro, reflexo do manequim de fora. Se você me olha bem, me vê também no meio do reflexo, de máquina na mão”¹⁸. Nesse

ínterim, a autora (e/ou o sujeito-lírico? e/ou será prosa?) percebe: “Não consigo contar a história completa. (...) Tenho medo de perder este silêncio”¹⁹.

O próximo livro continua a costurar silêncios: “(Junto a lista lacônica das férias: mudança,/ aborto, briga rápida com A, tensão dramática/ em SP, carta para B – pura negação –,/ afasia com H, tarde sentida no Castelo)”²⁰. Nesse contexto, interessante notar a referência a um verso de Elisabeth Bishop: “Do alto da serra de Petrópolis,/ com um chapéu de ponta e um regador,/ Elisabeth reconfirmava, ‘Perder/ é mais fácil que se pensa’. Rasgo os papéis todos que sobram”²¹. A obra onde estão essas passagens saiu em 1982, e se chama *A teus pés*. Depois das luvas (de pelica), (a teus) pés: uma escrita muito ligada ao corpo e, ao mesmo tempo, ao que não é do próprio corpo de quem diz: as luvas o adornam, os pés são teus. A expressão “A teus” ainda me permite outra leitura dialética: a teus/ateus. Mas prefiro não explicar. É como a escritora diz no texto “encontro de assombrar na catedral”: “Frente a frente, derramando enfim todas as palavras, dizemos, com os olhos, do silêncio que não é mudez”²².

Dali para frente, tudo foi silêncio que não é mudez. Ana C faleceu em 1983. Em 1985, Armando Freitas Filho, a partir de guardados da escritora, selecionou, organizou e publicou *Inéditos e dispersos*. A obra apresenta um prisma muito amplo da produção de Ana Cristina César. Abarca textos feitos

15. CÉSAR. *Poética*, p. 28.

16. CÉSAR. *Poética*, p. 28.

17. CÉSAR. *Poética*, p. 48.

18. CÉSAR. *Poética*, p. 58.

19. CÉSAR. *Poética*, p. 55.

20. CÉSAR. *Poética*, p. 116.

21. CÉSAR. *Poética*, p. 114.

22. CÉSAR. *Poética*, p. 95.

23. CÉSAR. *Poética*, p. 149.

24. CÉSAR. *Poética*, p. 309.

25. CÉSAR. *Poética*, p. 237.

26. CÉSAR. *Poética*, p. 325.

entre 1962 – lembro que a autora nascera em 1952 – e 1983. Se os primeiros são ainda infantis, o poema “do diário não diário ‘inconfissões’”, de 1968, possivelmente já renunciava uma poética: “Forma sem forma/ (...) Abranges uma ana”²³. Essa mesma poética perduraria até o ano de falecimento da autora: “Não quero agora computar perdas. Perder é uma lenha. Lá fora está sol, quem escreve deixa um testemunho. Reesquentando. Joguei fora algumas coisas já escritas porque não era o testemunho que eu queria deixar”²⁴. No poema “[discurso fluente como ato de amor]”, como um todo, está um dos momentos mais lúcidos do projeto da autora: “a chave, a origem da literatura/ o ‘inconfessável’ toma forma, deseja tomar forma, vira forma/ (...) Só de não ditos ou delicadezas se faz minha conversa”²⁵.

Em 2008, *Antigos e soltos* seguiu a mesma via de publicação dos impublicados. Dessa vez a organização ficou por conta de Viviana Bosi e merece destaque a “33ª poética”, poema no qual o sujeito-lírico de Ana Cristina César dialoga com “Poética”, de Manuel Bandeira. Enquanto o texto do autor de *Estrela da vida inteira* rompia com a dicção parnasiana, Ana C parece romper com o dito neoparnasianismo antilírico de João Cabral, com a tradição da poesia do menos: “estou farta dessa fala enxuta/ (...) quero antes/ a página atravancada de abajures”²⁶. Ou como é sentenciado em “o poema e a trégua”:

“antilira destruída”²⁷. O livro traz, ainda, “O livro”, espécie de romance fragmentado, prosa lírica.

Por fim, *Poética* apresenta *Visita a oficina*. Inéditos, rascunho, originais, textos, não muitos, encontrados a partir de pesquisa nos arquivos da autora. Chamo a atenção para o “haikai”: “hem? hem? quital/ ser Orlando/ na vida *real*?”²⁸. Até mesmo nesses novos velhos poemas, antigos recentemente encontrados, é sensível essa espécie de projeto poético de Ana Cristina César: isso de ser Orlando na vida *real*, ou de ser vida real na ficção permeada de diários e intimidades.

Assim, Ana C continua, talvez em um momento já ultra-moderno, o debate moderno sobre a construção do sujeito-lírico. Continua também a valorização da autoconsciência, a construção de um projeto poético sabedor de si mesmo. Portanto, *Poética* é um excelente nome para o livro. Reúne, em suas pouco mais de quinhentas páginas, o longo – tendo em vista a curta vida da autora – percurso da escrita de Ana Cristina César. Além de revelar a poética esconde-esconde de Ana C., essa tensão entre o fingimento (?) de Ana C. e a dor que o seu eu-lírico deveras (?) sente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. a teus pés. In: CÉSAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 446.

27. CÉSAR. *Poética*, p. 354.

28. CÉSAR. *Poética*, p. 422.

ALVIM, Clara de Andrade. os dias ficam. In: CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 470-476.

BOSI, Viviana. posfácio. In: CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 425-431.

CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREITAS FILHO, Armando. apresentação. In: CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 7-13.

FRIAS, Joana Matos. um verso que tivesse um blue. In: CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 480-490.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. ana cristina césar: cristais, heavy metal e tafetá. In: CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 450-451.

MORAES, Reinaldo. deslumbramentos com a poesia de ana cristina. In: CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 447-449.

SANTIAGO, Silviano. singular e anônimo. In: CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 452-463.